

QUALIDADE DE VIDA NO COTIDIANO DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Guilherme Simioni¹
Maria Rita Alves Dalledone²
Nelcy Teresinha Lubi Finck³

RESUMO

Visando compreender e embasar a questão da docência em ensino superior, qualidade de vida e saúde mental do profissional atuante, o estudo faz uso de uma pesquisa qualitativa exploratória, com instrumentos de entrevista e questionários que permitem um panorama mais pessoal e expressivo dos professores entrevistados, sendo estes quatro docentes de diferentes áreas e instituições, tanto públicas quanto privadas. Através desse método, proporciona-se ao estudo uma possibilidade de maior entendimento da subjetividade de cada entrevistado e das exigências criadas em torno da profissão e suas condições, permitindo perceber como suas falas se tornam parecidas em alguns pontos, criando um diálogo entre os entrevistados e a fundamentação teórica utilizada no artigo. Espera-se que através desse artigo, seja possível proporcionar uma visão mais clara e empática sobre o docente, auxiliando a forma como ele é visto e também como vê a si mesmo e sua qualidade de vida, tanto no ambiente profissional quanto pessoal.

Palavras chaves: Qualidade de Vida. Docente. Adoecimento Ocupacional. Ensino Superior.

¹ Aluno do 3º período de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica. PAIC (2016-2017). *E-mail*: guilhermesimioni@hotmail.com.br

² Aluna do 3º período de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à iniciação científica. PAIC (2016-2017). *E-mail*: mrdalledone@hotmail.com.br

³ Doutoranda pela Universidade São Francisco. Professora de graduação e pós-graduação da FAE centro universitário e coordenadora do Núcleo de Carreira docente. *E-mail*: nelcyf@fae.edu

INTRODUÇÃO

O cenário universitário atual, no qual tanto o professor quanto o aluno estão em mudança constante, exige que o docente esteja preparado para se adaptar aos avanços tecnológicos e pedagógicos. Diante desta realidade, o docente de nível superior passa a sofrer pressões que podem afetar sua vida profissional e pessoal, lhe trazendo complicações de saúde e bem-estar. O presente trabalho busca entender qual o impacto das atividades do ensino com o constate aprendido na qualidade de vida do profissional do ensino superior de educação. Isto será atingido por meio de uma pesquisa qualitativa realizada com professores do nível superior de instituições públicas e privadas na cidade de Curitiba, Paraná.

Além de providenciar o conteúdo programado para as aulas, o profissional da docência no ensino superior ainda precisa atender outros requisitos, como produção científica, atividades extraclasse e cursos de atualização. Desta forma, o objetivo geral deste estudo é estabelecer uma análise comparativa da qualidade de vida do docente do ensino superior e seus adoecimentos ocupacionais. Baseando-se nisso, o foco será voltado para a relação entre qualidade de vida e adoecimento, buscando abranger as principais situações que atingem os ambientes de ensino superior.

A fim de atingir o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos serão seguidos:

1. Analisar o perfil profissional dos docentes de ensino superior;
2. Identificar as novas demandas e práticas no processo de ensino-aprendizagem;
3. Compreender as condições de trabalho e as propostas de formação continuada.
4. Identificar a qualidade de vida e saúde do ensino superior.

A pesquisa bibliográfica será utilizada para caracterizar, categorizar e analisar os dados já existentes sobre o tema. Nesta encontram-se citações de livros, revistas, sites especializados e artigos acadêmicos que possuem sinergia com a temática proposta. Na sequência, são apresentados os procedimentos metodológicos, a coleta de dados bem como as análises dos resultados.

Por meio deste trabalho, espera-se entender as relações do docente de nível superior com as instituições, os alunos e a prática com a sua qualidade de vida.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

O ato de ensinar e a função de lecionar surgem muito antes da história das instituições de ensino, precedendo até mesmo a escrita. Por meio da oralidade e outros métodos de comunicação, a necessidade de transmitir conhecimentos e habilidades já era nítida e aplicável. Desta forma, O homem aprende a reproduzir atos e difundir conhecimentos variados com o mundo que o cerca.

O processo de ter alguém para ensinar determinadas habilidades já era vista no Antigo Egito (3150 a.C. - 31 a.C.), quando a posição de escriba era preservada pela formação de escolas reais que preparavam os indivíduos para essa função. De acordo com Aranha (2008), na antiga Grécia, a educação era voltada ao desenvolvimento do processo de construção consciente.

Já no período medieval, o mundo do conhecimento recebeu um alto controle da igreja cristã, a qual mantinha os esforços na educação direcionados apenas aos membros do clérigo e seus aspirantes. Na Baixa Idade Média, essa situação começa a mudar com o surgimento das primeiras universidades nas nações islâmicas, ainda como instituições religiosas. Aranha (2008) afirma que na Renascença houve uma proliferação de colégios e manuais para alunos e professores, mas o objetivo das escolas era a formação moral e não a transmissão de conhecimento.

No Brasil, o domínio clerical nas instituições educadoras diminuiu com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, na época do Brasil Colônia. Após isso, a Coroa passa a decidir quem está qualificado para exercer as funções pedagógicas. Segundo Saviani (2010), no Brasil somente com a chegada de D. João VI em 1808 é que surgiram os primeiros cursos superiores, iniciando com o curso de Engenharia da Academia Real da Marinha. Conforme Aranha (2008), nesse período o rei investiu na criação de escolas, principalmente superiores para atender as necessidades da época. No entanto, ainda conforme a autora, os mestres eram selecionados em concursos e exames que dispensavam a formação profissional. Somente em 1835 é que surge o primeiro curso de educadores, em Niterói, Rio de Janeiro, que começa a dar forma à profissão de docentes como conhecemos hoje.

1.2 DOCENTE UNIVERSITÁRIO

1.2.1 Função

A educação superior passou por constantes transformações as quais ocasionaram um aumento no número de vagas tanto nas instituições públicas, como privadas e também um maior acesso à população. O mercado de trabalho, por sua vez, passa a exigir uma maior capacitação dos colaboradores. Desta maneira, o docente do ensino superior possui a responsabilidade de capacitar o aluno para a sociedade, para o mercado de trabalho e para a vida. O professor universitário é um facilitador, mediador e orientador; é um agente de mudança no meio universitário.

De acordo com Silva (2013), o docente precisa ir além do senso comum, e precisa se manter atualizado. Não é aceitável que prepare a mesma aula, usando as mesmas referências utilizadas no passado. Assim, é possível entender o docente como um sujeito presente no direto desenvolvimento ensino-aprendizagem que se dá de forma bilateral. A principal ferramenta neste processo é o intelecto, que precisa estar em constante adaptação, visto o dinamismo que a profissão exige na atualidade. Esta adaptação se dá de forma tecnológica e por meio de graduação continuada, buscando sempre estar a par do que há de mais atual e útil na área educacional.

O professor possui a função de ensinar, continua o autor. Mas para exercer essa função, é necessária uma reflexão sobre o conteúdo a ser ensinado, quem irá receber esse ensinamento e para quem será utilizado. Assim será possível elaborar o processo de aprendizagem de forma que o aluno exerça sua própria visão.

Freire (1996, p.21) declara que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” A atividade da docência é realizada através da interação de três elementos fundamentais: o docente, os seus alunos e o objeto de conhecimento. O docente passa a ser a fonte de conhecimento ao mesmo nível que o aluno se torna um receptor do mesmo. Na atualidade, esse processo tem sido visto como mais dinâmico e recíproco.

A reflexão de que “a docência se desenvolve num espaço já organizado que é preciso avaliar; ela também visa objetivos particulares e põe em ação conhecimentos e tecnologias de trabalho próprias” é o que nos trazem Tardif e Lessard (2014 p. 39) deixando claro que a função de um docente está vinculada também aos planos da instituição que atua e ao seu papel profissional de educador.

Desta forma, o docente de ensino superior equilibra as exigências institucionais no âmbito como pesquisador e produtor de conteúdo além de desempenhar um papel social. O docente de ensino superior precisa estar pronto a produzir e estimular o conhecimento científico, cultural e acadêmico, assim como o pensamento reflexivo daqueles com quem interage como profissional.

1.2.2 Perfil do Docente Univesitário

Com o avanço da globalização e das tecnologias, muda o perfil dos alunos que estão ingressando no ensino superior. O aluno atual é aquele que possui acesso a muitas informações e que exige retorno. O professor deixou de ser a única fonte de informações do aluno. Por isso, é necessário que ocorra uma transformação na forma de lecionar do docente. Não cabe mais a ele ser apenas o professor que expõe o conteúdo, mas sim tornar-se um agente de mudança que acompanha e auxilia os discentes.

Os docentes estão recorrendo cada vez mais para a formação continuada de forma a estarem cada vez mais atualizados. De acordo, com dados informados pela Revista, Valor Econômico (2016)⁴, a porcentagem de professores com no mínimo mestrado no ensino superior, passou de 57,5% para 76% do total em 10 anos, de 2005 para 2015. A pesquisa ainda mostra que, no mesmo período, houve um aumento de 96 mil professores com mestrado, doutorado ou outro grau de formação em exercício no Brasil.

De acordo com Vasconcelos (1996), espera-se que o profissional universitário possua três capacidades igualmente desenvolvidas, o docente deve ser capaz de transmitir o conhecimento, ser um bom crítico das relações socioculturais que o cercam e ser um bom pesquisador. Porém, o autor salienta que não existe um requisito referente à formação didático-pedagógica na carreira do magistério superior.

Batista e Reis (2016) afirmam que a formação exigida para a docência do ensino superior se restringe ao conhecimento aprofundado do conteúdo. Este conhecimento pode ser tanto prático, oriundo do exercício profissional, ou teórico, decorrente do exercício acadêmico. Mas quase não se exige conhecimento sobre termos pedagógicos. Os autores também declaram que não existe um amparo legal no âmbito nacional que estimule a formação pedagógica para o docente de ensino superior.

⁴ Disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/4737169/sobe-numero-de-professores-com-mestrado-e-doutorado-no-ensino-superior>. Acesso em 16 de maio de 2017.

Os eixos que o perfil do docente precisa contemplar de acordo com Masetto (2008) são:

- Preparação pedagógica, requisitos legais, pessoais e técnicos, enfatizando a carência de professores quando se trata de ética e profissionalismo docente, ou seja, falta de domínio da área pedagógica e pouca, ou nenhuma, compreensão do processo de ensino-aprendizagem.
- Exige do professor a consciência de que ele deve libertar-se da postura expositiva e reconhecer que o conhecimento aplicado em sala de aula é de sua responsabilidade, estimulando alunos a pesquisar e trabalhar em equipe, valorizando o conhecimento e atualização quando a aspectos éticos, sociais, culturais, políticos e econômicos.
- O terceiro eixo traz a relação docente-aluno e aluno-aluno no processo de aprendizagem, partindo da ideia de que a presença do docente mediador de atividades é que permite ao aluno aprender e a relação com os outros alunos torna apreciativa a relação interpessoal.
- Domínio da tecnologia educacional, pois essa auxilia na necessidade de o docente ser dinâmico e competente no processo de ensino-aprendizagem. Não abrir mão de instrumentos tecnológicos industriais relacionados a informática, telemática, computador e internet. O professor que conseguir inserir tecnologias em suas aulas tem maior capacidade de alcançar os objetivos propostos.

Além de possuir o conhecimento a ser transmitido, é fundamental que o docente do ensino superior detenha também o domínio pedagógico a fim de transmitir o conteúdo de maneira eficaz.

1.2.3 Relação Professor Aluno

Os alunos de Ensino Superior estão, em sua maioria, na fase adulta. De acordo com Silva (2013), alunos na fase adulta participam mais do seu processo de aprendizagem, e também possuem maior consciência em relação aos comportamentos exigidos na sociedade e no ambiente profissional. No entanto, são exigidas cada vez mais capacitações, certificações e especializações desses alunos, pois, ainda de acordo com o autor, acredita-se que a partir desse processo contínuo de desenvolvimento o profissional irá desenvolver autonomia, criatividade, comunicação, iniciativa e cooperação.

Um dos fatores que interfere diretamente na função do docente é a relação professor-aluno. Segundo Roncaglio (2004), a construção desta relação é feita através do cotidiano universitário e engloba as relações interpessoais. Além disso, esse vínculo está sujeito a interferência de muitos outros fatores, como, por exemplo, normas da instituição, gestão do curso, objetivo dos alunos, perfil do professor e método de avaliação.

Segundo pesquisa realizada pelo autor com alunos do ensino superior, os mesmos consideram o professor como um modelo a ser seguido. É ele quem faz a ligação do discente com o conhecimento. Porém, de acordo com a autora, também foi possível verificar a falta de respeito de alguns estudantes para com os professores. Isso mostra que alunos do ensino superior possuem dificuldades em entender os limites entre os seus papéis e os papéis dos docentes.

1.3 QUALIDADE DE VIDA

O termo qualidade de vida está em alta nos dias atuais e é cada vez mais mencionado. Comumente utiliza-se o termo para indicar um alto grau de bem-estar, até mesmo um status a ser alcançado. No entanto, qualidade de vida é uma expressão que possui diversas definições, pois de acordo com Minayo apud Rodrigues (2016) é um termo que pode ser mediado por condições mentais, ambientais e culturais.

Entretanto, Pereira (2006) afirma que a qualidade de vida está ligada ao indivíduo e está relacionada diretamente às expectativas e projetos pessoais. Por isso, a qualidade de vida tem um importante fator subjetivo e individual, pois dependerá da representação de cada sujeito e da realidade social que o cerca. Segundo Seidl e Zannon (2004), a qualidade de vida só pode ser avaliada pela própria pessoa, de forma que não ocorra interferência do avaliador ou observador. Desta maneira, o instrumento utilizado deve considerar a perspectiva da população.

De acordo com Pereira *et al* (2012), existe uma crescente preocupação em relação à qualidade de vida dentro das ciências humanas e biológicas com o intuito de controlar sintomas, reduzir a mortalidade e aumentar a expectativa de vida.

1.3.1 Qualidade de Vida no Trabalho (QVT)

Abreu *et al* (2002) afirmam que o trabalho ocupa um papel central na vida das pessoas e é um fator relevante na formação de identidade. Por isso, um dos fatores que constitui a qualidade de vida é o equilíbrio entre as expectativas em relação à atividade

profissional e as suas concretizações. Além disso, é na organização que o indivíduo permanece um grande período do seu tempo. No lado do empregador, a qualidade de vida no trabalho possui grande influência no clima organizacional. Segundo Ferreira (2013), o termo qualidade de vida no trabalho (QVT) surgiu em 1950 em Londres a partir de estudos de Eric Trist e outros pesquisadores.

Conforme Mancini *et al* (2004), esta preocupação originou-se a partir das convenções da Organização Internacional do Trabalho, no qual os países participantes adequaram suas legislações para um melhor ambiente organizacional, especialmente ligado à saúde, higiene e segurança.

A qualidade de vida no trabalho, conforme Ferreira (2013), pode ser definida a partir do conjunto de ações que a organização exerce de forma a melhorar os processos gerenciais, tecnológicos e as estruturas do ambiente de trabalho. Com relação a isso, Gil (2012) afirma que qualidade de vida está ligada à felicidade dos empregados, o que significa que eles precisam ser felizes para se tornarem produtivos e sentirem que são tratados como pessoas.

Apesar de não existir um consenso sobre a definição de qualidade de vida do trabalho, entende-se que a QVT é um equilíbrio entre o indivíduo e a organização. A empresa oferece condições de trabalho adequadas para o trabalhador e como retorno o trabalhador apresentará um bom rendimento e melhores resultados.

Marras (2011) afirma que a preocupação da organização com a gestão do clima organizacional está cada vez mais em alta e, por isso, existem mais ações sobre a saúde ocupacional, qualidade de vida e benefícios opcionais. O autor também alega que a adoção de novos comportamentos vindos da liderança como mais diálogos, menos centralização e maior autonomia para os colaboradores contribui para uma melhor relação nos ambientes de trabalho e como resultado uma melhoria na qualidade de vida do trabalhador.

1.4 DOENÇAS OCUPACIONAIS

Doença ocupacional ou doença do trabalho é aquela que é desencadeada em função das condições que o trabalho é realizado. Segundo Montanes e Diniz (2013), doenças e lesões relacionadas ao trabalho foram mencionadas primeiramente pelo médico italiano Bernardino Ramazzini, em 1700. As autoras também alegam que o médico sofreu discriminação por outros médicos por visitar locais de trabalho dos pacientes com o intuito de identificar possíveis causas.

Os profissionais da educação, assim como outros trabalhadores, estão sujeitos a desenvolverem doenças ocupacionais. De acordo com Araujo e Carvalho (2009), existem três grupos principais de problemas de saúde entre os docentes. Esses problemas são referentes à voz, osteomusculares e relacionados à saúde mental.

Segundo Silva e Carvalho (2011), tais problemas de saúde que afetam a categoria dos docentes possuem uma relação direta com vários fatores. Entre estes fatores figuram a responsabilidade da função exercida, que possui como objetivo a formação de outros sujeitos, os excessos na carga horária, as condições de trabalho, a falta de autonomia, a sobrecarga de trabalho burocrático e o quadro social e econômico.

Baião e Cunha (2013) afirmam que o adoecimento dos professores está ligado à atividade profissional e como essa é realizada, além dos mesmos apresentarem pouca disponibilidade para o lazer e um estilo de vida muitas vezes inadequado devido à falta de tempo. Porém, eles também constatam que ainda é necessário mais estudos que abranjam os fatores psicossociais, fisiológicos e que relacione ao processo de saúde e doença na profissão do docente.

2 METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizado um estudo exploratório através de pesquisa bibliográfica para caracterizar, categorizar e analisar os dados já existentes sobre o tema. Foram utilizados livros, revistas, sites especializados e artigos acadêmicos que contextualizam com a temática proposta. Na sequência foi realizada a identificação dos docentes que participaram da pesquisa de forma voluntária.

Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista com quatro professores do ensino superior de instituições públicas e privadas. O método utilizado foi um roteiro pré-determinado e mediante autorização do professor foram utilizados recursos de áudio. A análise dos dados foi feita através da transcrição das gravações, com a utilização de uma metodologia qualitativa, com o objetivo de analisar aspectos subjetivos dos entrevistados.

De acordo com Shaugnessi *et al* (2012), os resultados das pesquisas qualitativas são apresentados através de sínteses verbais com poucos fatores ou análises estatísticas. Os dados das pesquisas qualitativas são obtidos através de entrevistas e observações que podem ser utilizadas para descrever indivíduos, grupos e movimentos sociais (Shaugnessi *et al apud* Strauss e Corbin 1990).

Na coleta de dados, quatro pontos foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho:

- I. Analisar a relação do docente com a qualidade de vida,
- II. Analisar a relação do docente com o perfil atual do aluno,
- III. Analisar as práticas educativas dos entrevistados,
- IV. Analisar o perfil profissional e a profissão do docente.

Por fim, foi feita a transcrição das entrevistas, tabulação e análise dos dados e posteriormente a devolutiva aos entrevistados.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para seguir com a análise dos resultados, é interessante verificar os dados gerais dos entrevistados e entender o contexto de cada docente. Para realizar o comparativo, foi considerada a idade, a graduação, o nível de formação de cada profissional suas respectivas cargas horárias e se a instituição é pública ou privada, pois se entende que esses dados são de extrema importância e relevância para a análise. Os professores foram identificados como Professor A, Professor B, Professor C e Professor D.

Tabela 1: Informações Gerais

Entrevistados	Idade	Graduação	Formação	Carga Horária	Instituição
Professor A	45	Ciências Naturais	Doutorado	60h	Privada
Professor B	60	Engenharia Elétrica	Doutorado	40h	Pública
Professor C	42	Fisioterapia	Mestrado	40h	Privada
Professor D	38	Engenharia Elétrica	Doutorado	40h	Pública

Fonte: Os autores (2017)

A entrevista realizada com os professores universitários foi dividida em quatro temas principais: instituição, alunos, prática e pessoa e a análise será feita inicialmente também dividida a partir destes temas, de forma que se possa entender o todo a partir dos aspectos individuais.

TEMA 1 – INSTITUIÇÃO

As perguntas relacionadas à instituição foram elaboradas com o objetivo de compreender as condições de trabalho e as proposta de formação continuada. Dentre os docentes, dois possuem vínculos com instituições privadas e dois possuem vínculos com instituições públicas. Todos possuem uma carga horária de no mínimo 40 horas.

Ao perguntar sobre a experiência na instituição, os entrevistados, de uma forma geral, apresentam satisfação e demonstram realização com a profissão. “É, bom eu tenho muitos anos já de instituição. São 15 anos, de dedicação a esse trabalho, é eu me realizo muito profissionalmente, com a profissão que eu escolhi.” (Professor C) Também se observou um contentamento quanto ao alinhamento entre a formação e a atividade letiva. “Ah, eu gosto muito de trabalhar aqui, as aulas são bem tranquilas, é um assunto no qual eu gosto muito de ministrar.” (Professor D)

Com relação às demandas, é possível notar que a percepção varia em função da instituição e da percepção de cada um sobre a carga de trabalho. O professor D descreve “eu não vejo nenhum problema, aqui pelo menos, assim, o professor tem uma certa liberdade com relação, por exemplo, a prazo, a lançamento de notas...”. Em contrapartida, o professor A demonstra que o volume de trabalho tem impacto significativo em sua rotina: “... estou sempre ligada na tomada né, porque se e eu não aproveitar os momentos, vou acabar esquecendo e não tendo aquele equilíbrio que é importante.” O professor B critica o planejamento de carga horária das aulas por parte da instituição, uma vez que se baseiam puramente nos assuntos e não leva em consideração que o professor tem o papel de acompanhamento do aluno, certificando-se de que o conteúdo está de fato sendo absorvido: “... se tiver que cumprir o conteúdo e olhar o aluno, o crescimento dele, ele vai se decepcionar com ele, porque ele não conseguiu transmitir e tem que administrar, porque tem que retomar alguns assuntos, tem que voltar às vezes.” (Professor B)

As opiniões sobre oportunidades de desenvolvimento foram bastante divergentes entre os entrevistados. Entre os funcionários de instituições públicas, foi mencionado um maior apoio por parte do empregador. “aqui tem um plano de progressão (...) isso daí estimula bastante né, o profissional aqui a produzir, enfim, ele tem bastante, incentivo sim.” (professor D). O professor B revela que já teve oportunidade de se ausentar durante o mestrado e optou por não se afastar durante o doutorado, o que resultou em esforço extra, porém, o incentivo da Universidade existia. O mesmo ainda ressalta que desconhece tamanho incentivo em instituições privadas. “Então, a instituição dá incentivo, mas assim, você tem a liberação mais fácil na pública do que na privada, (...) se eu quisesse 4 anos, livre de tudo, pra fazer o doutorado, só pra fazer o doutorado, então tem esse incentivo.” (professor B)

O relato referente às instituições privadas traz outra conotação. É possível depreender que existe apoio por parte do empregador, mas de uma forma mais branda do que a observada anteriormente, limitando-se a cursos de extensão e não a licenças longas como citado pelo professor B. Quando perguntado sobre a existência de apoio institucional ao desenvolvimento docente, o professor C respondeu “Não, não. Bom

eu tenho liberdade para a participação de alguns cursos, uma flexibilidade também limitada...” (professor C). O professor A relaciona desenvolvimento à interação entre docentes no espaço universitário e menciona cursos de extensão: “nós temos também o apoio para fazer cursos, e não existe um ‘não você não vai, porque você precisa dar aula hoje a noite’. Então é uma questão de organização.” (professor A)

TEMA 2 – ALUNOS

Para entender a relação professor aluno, perguntou-se sobre o perfil do aluno atual e qual a interferência desse aluno do papel do docente. De uma forma geral, os entrevistados concordam que os discentes na atualidade são criativos e curiosos, porém apresentam uma postura de exigir mais direitos e esquecem-se dos deveres. Professor D define como “bastante exigente, principalmente com os professores, mas que eu vejo que não tem, às vezes, muita é, eles exigem muitos direitos, mas não tem muitos deveres.” (professor D). Muito em linha com o comentário anterior, o professor A aponta que o estudante de hoje “... é um aluno que exige bastante, crítico e isso é muito bom né, porque você também consegue se cobrar mais em relação ao que você está fazendo em sala.” (professora A). O entrevistado C demonstra preocupação com a falta de comprometimento “(os alunos) têm uma característica muito forte de dificuldade de lidar com os limites e com prazos...” (professor C).

Foi unânime a constatação de que há uma forte relação da tecnologia e a consequente facilidade de obtenção de informação com o perfil observado na sala de aula. Todos os entrevistados concordam que os professores precisam estar preparados para lidar com tal perfil, pois isso impacta diretamente no desempenho de seus papéis. “Às vezes se obriga a se atualizar, isso eu aprendi no doutorado, quando eu tive um professor no doutorado ele disse ‘se você bobear, o aluno passa por cima de você!’, e passa mesmo, e agora eu vejo isso com muita clareza.” (professor B).

TEMA 3 – PRÁTICA

Quando desafiados para relatar um dia em sala de aula, cada um dos entrevistados procurou descrever particularidades em seu método desenvolvidas justamente para prender a atenção do aluno e tornar o momento do aprendizado mais interessante e significativo. Professor B relata um experimento que parece perigoso, realizado na primeira aula de determinada matéria. A surpresa causada nos alunos é seguida por uma descrição teórica do porque do experimento e como ele, de fato, não traz danos ao

equipamento. “... tenho que fazer do meu dia a dia sempre uma motivação e a minha motivação é essa, é sempre criar alguma coisa, buscar alguma coisa que chame a atenção do cara, ‘oh, agora eu quero descobrir o porquê’.” (professor B). Professor A comenta sobre uma atividade em grupos, no qual o apresentador é escolhido randomicamente. O entrevistado ainda reitera a importância de revisar determinados conceitos durante a introdução de novos conteúdos. “... resgatei a questão da equação eles não lembravam mais como é que fazia, a distributiva como que fazia, então conceitos além do que eu já estava passando.” (professor A). Ambas as situações demonstram o uso de metodologias ativas como forma de engajar o discente.

O professor C levanta uma situação decorrente do perfil do aluno atual e a facilidade de informação, na qual o educando estuda o conteúdo de antemão e faz questionamentos durante a exposição em sala. Segundo o entrevistado, “tudo isso gera claro um desafio cada vez maior para os docentes.” (professor C).

Os interrogados A e D acreditam que seu método de ensino é eficaz quando conseguem ver o retorno dos alunos, seja pela aplicação dos ensinamentos em situações práticas ou até quando observam a satisfação no semblante dos estudantes. O docente A relata “Então eu percebo assim, uma palavra bem simples, eu vejo eles mais felizes com a matemática.” (professor A). Entrevistado D diz que “principalmente a estatística, que o pessoal muitas vezes vê com maus olhos, eu vejo que eu tô mostrando pra eles, é, como eu posso dizer... a importância (...) e eu tô conseguindo despertar isso em diversos alunos” (professor D). O entrevistado B revela que, com o acúmulo de anos na profissão, dá muita importância ao reconhecimento dos alunos fora do ambiente acadêmico. Desta maneira, avalia que um aluno que se lembra do professor anos após seu contato na instituição transmite um bom cumprimento do papel dentro da instituição. Ele externaliza com sua fala: “Então esse é o legado que a gente deixa quando você é lembrado como professor, se o aluno te encontrar e não te cumprimentar é porque você fez alguma coisa errada pra ele, né? É a tua aula não foi boa pra ele, agora se ele te encontrar e, oh, te reconhecer e vir pode contar, você ajudou ele.” (Professor B)

No tema melhorias na prática educativa, dois pontos foram os principais na fala dos entrevistados. O primeiro, metodologias para um maior envolvimento do aluno no processo de aprendizagem. O segundo, o uso da tecnologia a favor da educação. Acerca de novas formas de passar o conteúdo, professor C coloca que “trabalhando de uma forma diferenciada, esse envolvimento mesmo com a disciplina acho que fica muito mais fácil.” (professor C). O entrevistado A exemplifica o uso do *smartphone* como um meio de exposição do material, considerando fundamental o uso deste dentro de sala. “E agora com esse famoso do celular aqui então ou você se abraça com ele ou acabou né. Então eu utilizo isso aqui (o celular) muito, porque eu posto atividade no telão e

eles vão acompanhando no celular.” (professor A). Professor B une os dois pontos, colocando a tecnologia como instrumento facilitador no esclarecimento do conteúdo. “Então eu uso da tecnologia direto. E pra mim aula tem que ter equipamento, tem que ser de laboratório, né, quando a disciplina é de laboratório, tem que ter o equipamento disponível. Quando a disciplina é teórica, eu tenho que ter o equipamento, tecnologia disponível, para mostrar a teoria pra ele com fundamentos.” (professor B)

TEMA 4 – PESSOA

No tema pessoa, o foco foi direcionado para a definição de qualidade de vida e a avaliação deste conceito na realidade dos entrevistados. Ao realizar a pergunta, percebeu-se que todos tiveram que refletir por um momento, ao contrário dos outros questionamentos realizados até então. Todos os entrevistados incluíram em sua definição a questão do trabalho, ressaltando que “fazer o que gosta” é essencial. Tal resposta condiz com as falas no primeiro tema, onde todos se mostraram satisfeitos com sua ocupação. “Qualidade de vida é trabalhar naquilo que você gosta de fazer, e eu adoro dar aula. Tenho paixão pela sala de aula, né. Eu me apaixonei por isso desde que comecei lá em 1977, quando entrei pela primeira vez tremendo na sala de aula.” (professor B)

Além do trabalho, vários outros fatores foram citados, como relacionamentos, família, crenças, situação financeira, moradia e estilo de vida. O entrevistado D entende que para atingir um bom nível de qualidade de vida, o indivíduo deve “estar bem no ambiente em que trabalha, e emocionalmente equilibrado, vamos dizer assim, e bem com os familiares e com todos que estão ao redor, acho que isso é ter qualidade de vida e, lógico, financeiramente.” (professor D). O docente B resume o conceito com os dizeres: “qualidade de vida, além disso, é comer bem, se vestir bem, viver bem. Viver bem.” (professor B)

Ao serem questionados sobre seu próprio nível de qualidade de vida, três dos entrevistados responderam considerar sua qualidade boa ou ótima. O entrevistado C revelou não considerar sua qualidade de vida boa, devido à dificuldade em conciliar profissão e necessidades pessoais. Ele diz “acho que a minha qualidade de vida não é boa, eu não consigo ter tempo para da forma que eu gostaria de ter, na forma que eu gostaria de ter para dedicar as minhas coisas”. Fazendo uma reflexão, o respondente avalia que uma melhor organização poderia ajudar a estabelecer um equilíbrio, porém, assume a dificuldade mesmo com toda a experiência acumulada. “Mesmo com 15 anos de docência, ainda tenho dificuldade de trabalhar essas questões de né, de organização mesmo.” (professor C)

Os entrevistados foram também questionados sobre a importância de atividades físicas e de lazer na qualidade de vida. Todos concordaram que é de fundamental importância. O docente C coloca que “tudo que te tira do foco, do profissional é importante”, o que ressalta a necessidade de manter um equilíbrio profissional e pessoal. Os professores A e B exemplificam com seus próprios hobbies e costumes. “Bicicleta é quase todo dia, de manhãzinha eu saio andando de bicicleta, e pescaria é uma, duas, quando posso três vezes por mês.” (professor B)

O último ponto levantado com os entrevistados foi o da percepção e frequência de sentimentos negativos como ansiedade, tristeza e mudanças de humor. O docente A relatou ser uma pessoa ansiosa, principalmente em decorrência da espera por resultados de suas ações. Com relação a seus alunos, muitas vezes demonstra um acompanhamento excessivo, podendo até ser considerada repetitiva. “Mas eu sou um pouco ansiosa sim, no sentido de querer que as coisas saiam corretamente e certas num tempo no tempo que foi combinado. Então eu sou um pouco exigente nesse ponto. Tanto exigente com as pessoas, quanto comigo mesma né.” (professor A)

O entrevistado B comentou que nota alterações de humor de tempos em tempos, mas procura balancear estas com atividades de lazer, no seu caso, a pesca. Ele coloca que “... quando eu vou pescar, na volta eu tô *light*.” (professor B).

Docente C afirmou identificar muita irritabilidade no seu dia-a-dia, inclusive na relação com alunos. “Tristeza não, eu gosto muito do que eu faço. Mas mudança de humor sim, irritabilidade.” (professor C)

O último entrevistado, assim como o primeiro, relatou um grau acentuado de ansiedade, quadro já observado desde criança. Este quadro se agravou durante uma fase de sua carreira, onde precisava conciliar a profissão e o doutorado, o que quase levou a afastamento. Ele também relatou valer-se de atividades de lazer na restauração do equilíbrio. “A ansiedade pega, às vezes, pega pesado, por isso eu faço alguma atividade, pra dar uma relaxada, dar uma equilibrada nisso.” (professor D)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de entender a relação entre as demandas e a qualidade de vida do docente do ensino superior, foram analisados alguns aspectos que norteiam a profissão do docente universitário. Desta forma, os aspectos analisados foram o perfil desses profissionais, as demandas e práticas, as condições de trabalho e fatores de

qualidade de vida. Para realizar as entrevistas percebeu-se uma receptividade por parte dos professores e interesse em colaborar com o tema mencionando. Todos julgam importante falar sobre seu *métier* bem como, possuem uma forte identificação com o papel que exercem.

Além da identificação com a profissão, se considera que ensinar estabelece uma relação forte entre conteúdo a ser ensinado e a relação com o aluno. Nessa nova realidade o aluno exige mais, desta forma é necessário que o professor se entregue mais tanto nas questões afetivas, quanto nas questões de preparação. Através dos relatos, percebe-se que existe uma preocupação dos professores pesquisados para que ele atenda essa realidade do “novo aluno”. A partir das entrevistas com os docentes, caracteriza-se este aluno como: tecnológico, imediatista, criativo e exigente.

Observou-se que se espera dos uma constante atualização, uma busca por novos conteúdos e uma formação continuada. À vista dessa titulação exigida e da constante atualização percebe-se que o docente do ensino superior além de um facilitador é também um pesquisador em sua área de atuação. De forma geral os entrevistados relatam que as instituições de ensino superior de alguma maneira oferecem possibilidades de aprimoramento e aperfeiçoamento no meio acadêmico. Porém, os professores das instituições públicas possuem maior flexibilidade em relação à licença para estudo. Todos consideram que seja primordial essa oportunidade.

Os pesquisados responderam todas as perguntas de forma acolhedora e imediata, porém quando se perguntou sobre qualidade de vida houve uma pausa, como se para uma reflexão. Diante desta pausa, fica o questionamento: Será que os docentes universitários estão pensando e avaliando sua qualidade de vida?

Dentre as respostas o ponto em comum entre elas é que todos concordam que trabalhar com o que gosta faz toda a diferença para a qualidade de vida. Os docentes entrevistados atuantes possuem uma carga horária integral e percebeu-se a dificuldade para alguns em conciliar a rotina com o tempo para atividades de lazer.

Todos os docentes reiteraram algum sentimento negativo, os citados foram irritabilidade, alteração de humor e ansiedade. Porém, eles também afirmam buscar uma forma de canalizar esse sentimento através de atividades de lazer, como pescar, praticar esportes, entre outros.

É possível perceber que as demandas da profissão afetam sim os docentes universitários, entretanto notou-se que as que possuem maior peso nas suas indagações são as questões de atualização constante. Observou-se também existe uma grande satisfação em relação à profissão. Todos demonstram prazer em ministrar aulas e estar em contato com os alunos.

Por sua vez, constatou-se que mediante a sua rotina de trabalho a reflexão de qualidade de vida não entra como uma prioridade. Mas ao mesmo tempo percebeu-se que a forma de lidar com sentimentos oriundos do seu ofício é através de atividades que influenciam em seu bem estar.

Espera-se que, a partir desse estudo, abram-se novas possibilidades para trabalhar e auxiliar esse professor na sua manutenção da qualidade de vida e bem-estar, assim como proporcionar uma maior compreensão para o próprio profissional sobre a atual condição de agente da sua qualidade de vida e saúde mental.

REFERÊNCIAS

- ABREU, K. L. et al. Estresse ocupacional e Síndrome de Burnout no exercício profissional da psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão** [online], Brasília, v. 22, n. 2, p. 22-29, jun. 2002.
- ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2008.
- ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: Estudos Epidemiológicos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 427-449, maio/ago. 2009.
- BAIÃO, L. P. M.; CUNHA, R. G. Doenças e/ou disfunções ocupacionais no meio docente: uma revisão de literatura. **Formação@Docente**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 6-21, jan/jun. 2013.
- BATISTA, F. E.; REIS, A. da C. Formação Pedagógica para docentes da educação superior e as possíveis contribuições para educação corporativa. ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 36., 2006, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2006.
- FERREIRA, P. I. **Clima organizacional e qualidade de vida no trabalho**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, C. A. **Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais**. São Paulo: Atlas, 2012.
- GUIMARÃES, L. Sobe número de professores com mestrado e doutorado no ensino superior. **Valor Econômico**, out. 2016. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4737169/sobe-numero-de-professores-com-mestrado-e-doutorado-no-ensino-superior>>. Acesso em: 16 maio 2017.
- MANCINI, S.; et al. Qualidade de vida no trabalho e responsabilidade social. In: ENCONTRO ANUAL ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2., 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2004.
- MARRAS, J. P. **Gestão de pessoas em empresas inovadoras**. São Paulo: Saraiva. 2. ed. 2011.
- MASETTO, M. T. (Org.). **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 2008.
- MONTANÉS, M. C. M.; DINIZ, D. P. **Guia de qualidade de vida: saúde e trabalho**. São Paulo: EPM, 2013.
- PEREIRA, É. F. et al. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 241-250, jun. 2012.
- PEREIRA, O. A. V. **Qualidade de vida no trabalho de docentes universitários de uma instituição pública e outra privada do leste de Minas Gerais**. Minas Gerais: UNEC, 2006.
- RODRIGUES, R. B. **Qualidade de vida: definições e conceitos**. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2016.
- RONCAGLIO, S. M. A relação professor-aluno na educação superior: A influência da gestão educacional. **Psicologia Ciência e profissão**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 100-111, jun., 2004.
- SAVIANI, D. A Expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 8, n. 2, p. 4-17, ago./dez. 2010.
- SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. da C. Qualidade de vida e saúde: Aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 580-588, abr./mar. 2004.
- SHAUGHNESSY, J. J. et al. **Metodologia de pesquisa e psicologia**. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SILVA, L. R. da. Docência na contemporaneidade: desafios para professores do ensino superior. **Primus Vitam**, São Paulo, v. 5, 1º sem. 2013. Disponível em: <http://mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/primus_5/lea.pdf>. Acesso em: 16 maio 2017.

SILVA, W. dos R.; CARVALHO, N. M. S. Mal-estar docente: o adoecimento do professor universitário e suas implicações para o ensino. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, v. 16, n. 160, set. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd160/mal-estar-docente-o-adoecimento-do-professor.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

TARDIF, M. LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VASCONCELOS, M. L. M. C. **A formação do professor de terceiro grau**. São Paulo: Pioneira, 1996.